

**Volume 2 • Módulo 4 • Língua Portuguesa e Literatura • Unidade 6**

# **A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas**

*Jacqueline de Faria Barros, Shirlei Campos Victorino e Ivone da Silva Rebello*

## **Introdução**

Em cumprimento à lei 10.639, que determina o ensino da cultura e da história de África, assim como à lei 11.645, que complementa a anterior, sancionando o ensino da cultura e da história dos povos indígenas, este material busca contemplar essas duas diretrizes da Educação Básica.

O objetivo desta unidade é apresentar ao aluno, através da arte literária, um pouco mais das culturas indígena e africana. Veremos que a literatura advinda dos escritos de autores africanos e indígenas possui uma riqueza cultural, política e histórica incalculável. Por isso, desprezar tal conhecimento seria desprezar a nossa própria constituição como povo e sucumbir a nossa própria desqualificação.

Nesse sentido, dentre outros aspectos, buscaremos desenvolver alguns princípios importantes, como: a consciência da diversidade (política e histórica), o fortalecimento da identidade e, conseqüentemente, do estado de direito com ações de incentivo; e o combate ao racismo e a discriminação, nas mais amplas esferas.

A despeito das dificuldades ainda existentes de se encontrar mais material disponível para estudo dessas literaturas, conseguimos trazer uma seleção de textos e atividades que comportam parte da riqueza que as mesmas carregam. Com grande prazer, convidamos você a estar conosco nesse caminho de descoberta e desvelamento, pois nossa trajetória se presta, a partir da literatura africana e indígena, ao encontro de nossos medos e de nossas origens.

Vamos lá!

## Apresentação da unidade do material do aluno

Disciplina	Volume	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Português	2	4	6	08 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas	Literatura africana e indígena: temáticas recorrentes, elementos da cosmovisão e de comparação entre as culturas.
Objetivos da unidade	
Reconhecer as principais tendências e temáticas das produções africanas através de análise de textos.	
Relacionar argumentos sobre o conceito de negritude e africanidade através de textos literários.	
Seções	Páginas no material do aluno
Para início de conversa...	143 a 148
Seção 1 – A África fala português	149 a 154
Seção 2 – Herança africana no Brasil	154 a 167
Seção 3 – Na língua, um pede e o outro complementa. É a sintaxe de regência!	168 a 176
O que perguntam por aí?	183

# Recursos e ideias para o Professor

## Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



### Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



### Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



### Applets

São programas que precisam ser instalados em computadores ou *smart-phones* disponíveis para os alunos.



### Avaliação

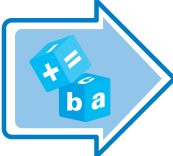
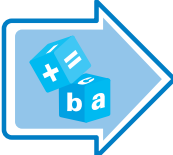
Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



### Exercícios

Proposições de exercícios complementares

## Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Realidade ou ficção? Conhecendo a África.	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do conto "A fogueira", de Mia Couto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade com toda a turma.	50 minutos.
	Vem fazer batuque!	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do poema "Quero ser tambor", de José Craveirinha, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

## Seção 1 – A África fala português

Páginas no material do aluno

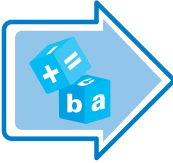
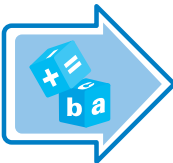
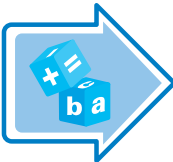
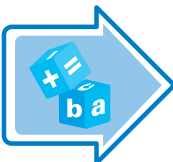
**149 a 154**

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Comparando dois países	Cópias da atividade.	Análise do poema "Você: Brasil", a fim de reconhecer pontos positivos e negativos que aproximam Cabo Verde e o Brasil.	Atividade individual.	30 minutos.
	Um poema sobre poesia	Cópias da atividade.	Análise do poema "Intimidar o poema a ser raiz", de poeta Ondjaki, a fim de explorar aspectos da rede de influências que compõe a literatura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

## Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno


154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Sinais de vida da África	Cópia da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba</i> , do escritor moçambicano Mia Couto, a fim de reconhecer elementos da cultura africana.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	100 minutos.
	Um conto africano	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do conto "Vôô Bartolomeu", de Antonio Jacinto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	50 minutos.
	Captando traços da cultura indígena	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre uma descrição acerca dos hábitos indígenas e trechos do poema "A história vem de um tempo longo, médio, recente", de Adalberto Maru Kaxinawá e Joaquim Mana Kaxinawá, a fim de reconhecer contribuições da cultura indígena na formação da cultura nacional.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.
	Ouvindo um pajé	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do romance <i>O sinal do pajé</i> , de Daniel Mundukuru, a fim de identificar aspectos da cosmovisão indígena.	Atividade individual.	50 minutos.



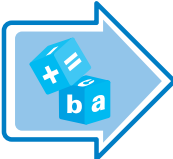
Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Por uma herança mais rica	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre o poema indígena “Eu não tenho minha aldeia”, de Eliane Potiguara, o um trecho da comunicação “Eu o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”, de Manuel Rui, a fim de reconhecer traços históricos e culturais comuns aos povos indígena e africano.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

### Atividade de Avaliação



Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A África no Enem	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem, que tratam das manifestações artísticas africanas e indígenas.	Atividade individual.	15 minutos.

## Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Realidade ou ficção? Conhecendo a África.	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do conto "A fogueira", de Mia Couto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade com toda a turma.	50 minutos.

## Aspectos operacionais

Após leitura do texto narrativo, apresente aos alunos questões de análise como as que sugerimos, orientando a análise.

## Aspectos pedagógicos

Inicialmente, contextualize o texto e apresente o autor moçambicano Mia Couto. O professor mostrará que a cultura de África, principalmente nos países que falam a Língua Portuguesa, reflete muito de sua colonização e história. Após esses esclarecimentos, o professor poderá, ainda, relembrar os conceitos de texto narrativo e os elementos que o compõe (narrador, personagem, tempo, espaço e enredo). Na exploração do texto, convém destacar junto aos alunos de que maneira os símbolos dessa narrativa refletem, metafórica e metonimicamente, elementos centrais da cultura africana.

## Atividade

Selva, leão, tambor, savana... Quando pensamos no continente africano, são essas, em geral, as imagens que nos vêm à mente. No entanto, imaginar que a cultura africana se resume a esses aspectos é o mesmo que limitar o nosso país a belas praias, ao samba e ao futebol.

Para, então, irmos pouco a pouco desconstruindo essa imagem estereotipada do continente africano, vamos analisar um trecho do conto “A fogueira”, do escritor Mia Couto. Nesse fragmento, observaremos um dos elementos centrais da cultura africana.

### **A Fogueira**

A velha estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído do mato. As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados.

A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão. Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho.

O velho foi chegando, vagaroso como era seu costume. Pastoreava suas tristezas desde que os filhos mais novos foram na estrada sem regresso.

“Meu marido está diminuir”, pensou ela. “É uma sombra”.

Sombra, sim. Mas só da alma porque o corpo quase não tinha. O velho chegou mais perto e arrumou a sua magreza na esteira vizinha. Levantou o rosto e, sem olhar a mulher, disse:

– Estou a pensar.

– É o quê, marido?

– Se tu morres é que eu, sozinho, doente e sem forças, como é que eu vou-lhe enterrar?

Passou os dedos magros pela palha do assento e continuou:

– Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos. É melhor começar já abrir a tua cova, mulher.

A mulher, comovida, sorriu:

– Como és bom, marido! Tive sorte no homem da minha vida.

O velho ficou calado, pensativo. Só mais tarde a sua boca teve ocasião:

– Vou ver se encontro uma pá.

– Onde podes levar uma pá?

– Vou ver na cantina.

– Vais daqui até na cantina? É uma distância.

– Hei-de vir da parte da noite.

Todo silêncio ficou calado para ela escutar o regresso do marido. Farrapos de poeira demoravam o último sol, quando ele voltou.

– Então, marido?

– Foi muito caríssima – e levantou a pá para melhor a acusar.

– Amanhã de manhã começo o serviço de covar.



E deitaram-se, afastados. Ela, com suavidade, interrompeu-lhe o adormecer:

- Mas, marido...
- Diz lá.
- Eu nem estou doente.
- Deve ser que estás. Você és muito velha.
- Pode ser – concordou ela. E adormeceram.

Ao outro dia, de manhã, ele olhava-a intensamente.

- Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.
  - Nada, sou pequena.
- Ela foi à lenha e arrancou alguns toros.
- A lenha está para acabar, marido. Vou no mato levar mais.
  - Vai, mulher. Eu vou ficar covar seu cemitério.
  - Ela já se afastava quando um gesto a prendeu à capulana e, assim como estava, de costas para ele disse:
  - Olha, velho. Estou a pedir uma coisa...
  - Queres o quê?
  - Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho.
  - Está certo. Não lhe vou pisar com muita terra.

Durante duas semanas o velho dedicou-se ao buraco. Quanto mais perto do fim mais se demorava. Foi de repente, vieram as chuvas. A campa ficou cheia de água, parecia um charco sem respeito. O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que as trouxeram.

(Mia Couto, Vozes Anoitecidas)

### Questão 1

Destaque um fragmento do conto em marcas típicas da fala estejam presentes e compare essa construção à forma correspondente na norma padrão.

### Questão 2

A temática central desse conto é a relação entre o passado e o presente. A partir disso, o que pode representar, metaforicamente, a cova aberta pelo marido?

### Questão 3

O fogo é um elemento simbolicamente ambivalente: por um lado, aquece, protege e ilumina; por outro, pode causar dor, morte e extinção. E a fogueira? Explique de que maneira Mia Couto, ao dar esse título ao conto, dá rendimento literário à essa imagem.

## Respostas comentadas

### Questão 1

No conto, as marcas de oralidade estão presentes, principalmente, nas falas das personagens. Dentre os exemplos, destacam-se:

“– Se tu morres é que eu, sozinho, doente e sem forças, como é que eu vou-lhe enterrar?”

Nesse trecho, observa-se, inicialmente, a quebra sintática entre as duas primeiras orações, com a primeira sendo retomada e reestruturada sintaticamente mais adiante com o elemento que faltava (“como”), como na língua oral é comum fazermos dado o menor grau de planejamento do discurso. Além disso, observa-se o uso do pronome “lhe”, que, segundo a regência padrão do verbo “enterrar” (transitivo direto), deveria ser substituído por “-la”. Dessa forma, segundo o padrão linguístico, o trecho poderia ser reescrito da seguinte maneira:

“– Se tu morres, como é que eu, sozinho, doente e sem forças, vou te enterrar?”

“– Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos.”

Destaca-se, na segunda frase, o uso da dupla negação, construída por meio das expressões “nem”, “ninguém” e “não”. Segundo a norma padrão, tal expressão seria considerada redundante (ou, até mesmo, incoerente). No entanto, no conto, essa construção sintática evidencia a carência e o isolamento das personagens.

“Você és muito velha.”

Evidencia-se, neste fragmento, a não concordância verbal entre o pronome que exerce a função de sujeito – “você” (de 3ª pessoa do singular) – e o verbo de ligação – “és” (conjugado na 2ª pessoa do singular).

Pode-se sublinhar ainda, que na expressão “Meu marido está diminuir”, a locução verbal não apresenta a preposição “a”. Tal construção poderia representar um processo fonético-fonológico muito comum: a crase; neste caso, da vogal “a”.

O uso dessas marcas de oralidade representa uma estratégia literária: ao mesmo tempo em que tais marcas reconhecem e exaltam, como salienta o enunciado da questão, o discurso e a cultura dos personagens; também por meio delas, corporificam-se mais densamente, do ponto de vista linguístico, as personagens apresentadas, buscando-se com isso conferir maior legitimidade ao texto.

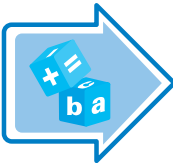
### Questão 2

A cova simboliza a preparação para a morte, o fim da vida, numa situação em que o aparente isolamento dos personagens não daria margem para que eles tivessem mais nenhuma expectativa além dessa.

### Questão 3

Se o fogo é um elemento ambivalente, a fogueira, nesse conto, pode ser interpretada como a ação e a compreensão do homem sobre a efemeridade da vida. Uma fogueira é fonte de calor e, por isso, espaço para congregação; tem, contudo, um prazo para durar, o que pode simbolizar a ideia da vida como um ciclo. No conto, o marido observa a proximidade do fim da vida de sua esposa, à semelhança do fim previsível de chama da fogueira e, por conta disso, decide abrir uma cova.

## Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Vem fazer batuque!	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do poema “Quero ser tambor”, de José Craveirinha, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

### Aspectos operacionais

Após leitura do texto, apresente aos alunos questões interpretativas relacionadas ao poema e ao verbete; discuta-as; e corrija-as.

### Aspectos pedagógicos

A sugestão é que, antes da leitura do texto, o professor o contextualize e apresente o poeta moçambicano José Craveirinha. O professor mostrará que a poesia africana reflete, através das metáforas, a colonização, a história e os confrontos do negro. Após esses esclarecimentos, o professor poderá, ainda, relembrar alguns pontos importantes da poesia como sua composição em versos e estrofes, além de sua linguagem diferenciada e simbólica, muito utilizada pelo escritor africano em questão.

## Atividade

Exploraremos, nesta atividade, a construção do ideário do negro como aquele que ama a sua terra e a sua identidade. Para isso, analisaremos um trecho do poema “Quero ser tambor”, de José Craveirinha. Nele, o negro africano é apresentado a partir da figura do tambor, representação do som da voz desse povo. Em seguida, aprofundaremos nossa análise relacionando esse poema à definição da expressão “batuque”.

**Quero ser tambor**, de José Craveirinha

Tambor está velho de gritar

Ó velho Deus dos homens

Deixa-me ser tambor

Só tambor gritando na noite quente dos trópicos

(...)

Só tambor ecoando a canção da força e da vida

Só tambor noite e dia

Dia e noite só tambor

Até a consumação da grande festa do batuque!

(CRAVEIRINHA, José. "Quero ser tambor". In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mama África*. São Paulo: Epopeia, 1987, p.160)

### Questão 1

O poeta apresenta o tambor como a personificação de si mesmo e, ao mesmo tempo, como uma metáfora do negro na terra africana. De que maneira você interpreta essa metáfora, considerando o que esse tambor-homem-continente deseja expressar?

### Questão 2

No poema, o eu-lírico afirma que seu desejo é ser tambor "até a consumação da grande festa do batuque!". Com base no verbete abaixo, como podemos interpretar esse último verso do poema?

**Batuque:** Termo genericamente aplicado pelos portugueses aos ritmos e danças dos africanos; por extensão, designação comum a certas danças afro-brasileiras e denominação genérica dos cultos afro-gaúchos. Dos batuques dos povos bantos de Angola e Congo originaram-se os principais ritmos e danças do Brasil e das Américas, como o samba e o jongo.

(LOPES, Nei. *Dicionário Escolar afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro edições, 2006, p.28)

## Respostas comentadas

### Questão 1

O aluno poderá fazer diversas reflexões, ligando a imagem do tambor a uma afirmação da pulsação da própria vida, seja pra se queixar do passado ou pra reclamar liberdade e igualdade.

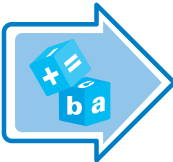
### Questão 2

De acordo com o verbete, “batuque” designa os ritmos e as danças dos africanos e, por extensão, certas danças afro-brasileiras e cultos afro-gaúchos. Dos batuques dos povos bantos de Angola e Congo, originaram-se os principais ritmos e danças do Brasil e das Américas, como o samba e o jongo. Com base nessas informações, “a grande festa do batuque” pode representar a realização da “canção da força e da vida”: a celebração da liberdade plena e da conquista da igualdade para os povos africanos.

### Seção 1 – A África fala português

Páginas no material do aluno

**149 a 154**

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Comparando dois países	Cópias da atividade.	Análise do poema “Você: Brasil”, a fim de reconhecer pontos positivos e negativos que aproximam Cabo Verde e o Brasil.	Atividade individual.	30 minutos.

## Aspectos operacionais

Proponha questões de análise e corrija-as, junto aos alunos.

## Aspectos pedagógicos

A fim de aprofundar a apresentação do autor, pode ser interessante traçar uma síntese de sua biografia (cf. [http://www.infopedia.pt/\\$jorge-barbosa](http://www.infopedia.pt/$jorge-barbosa)). De forma semelhante, convém explicitar alguns traços de Cabo Verde, localizando o país geográfica e culturalmente (cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo\\_Verde](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Verde)). A partir disso, apresente as questões de análise, destacando a comparação feita entre os dois países.

---

## Atividade

O poema abaixo foi escrito por Jorge Vera-Cruz Barbosa, um dos membros mais importantes do movimento *Claridade*, que defendia a emancipação cultural, social e política da sociedade de Cabo Verde, um país africano constituído por dez ilhas.

Atento à realidade seu país, o poeta denuncia, em suas obras, a miséria, a fome e a morte do povo cabo-verdiano. No poema que se segue, por exemplo, essa denúncia é feita por meio de uma comparação entre Cabo Verde e o Brasil.

Leia-o com atenção e responda às questões que se seguem.

### VOCÊ: BRASIL

Eu gosto de você, Brasil,  
porque você é parecido com a minha terra.  
Eu bem sei que você é um mundo  
e que a minha terra são  
dez ilhas perdidas no Atlântico,  
sem nenhuma importância no mapa.  
Eu já ouvi falar de suas cidades:  
A maravilha do Rio de Janeiro,  
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Bahia de Todos-os-Santos.  
Ao passo que as daqui  
Não passam de três pequenas cidades.  
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,  
mas Você é parecido com a minha terra.  
E o seu povo que se parece com o meu,  
que todos eles vieram de escravos  
com o cruzamento depois de lusitanos e estrangeiros.  
(...)  
Você, Brasil, é parecido com a minha terra,  
as secas do Ceará são as nossas estiagens,

com a mesma intensidade de dramas e renúncias.  
Mas há no entanto uma diferença:  
é que os seus retirantes  
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,  
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem  
porque seria para se afogarem no mar...  
(...) Eu gostava enfim de o conhecer de mais perto  
e você veria como é que eu sou bom camarada.  
Havia então de botar uma fala  
ao poeta Manuel Bandeira  
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima  
para ver como é que a poesia receitava  
este meu fígado tropical bastante cansado.  
Havia de falar como Você  
Com um i no si  
— “si faz favor”  
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos  
— “mi dá um cigarro!”  
Mas tudo isso são coisas impossíveis, — Você sabe? Impossíveis.  
(In: FERREIRA, Manoel. *50 poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1986, p. 170.)

### Questão 1

Na comparação feita entre Cabo Verde e Brasil, o eu-lírico, logo nos primeiros versos do poema, destaca uma oposição entre os dois países. Qual seria?

### Questão 2

No poema, há uma aproximação entre a fala e alma de brasileiros e cabo-verdianos. Quais seriam os aspectos positivos e negativos comuns entre os dois países?

### Questão 3

Que características do português falado no Brasil são invocadas pelo escritor cabo-verdiano?

## Respostas comentadas

### Questão 1

A oposição entre os dois países se refere a um aspecto geopolítico: por um lado, o Brasil é apresentado como “um mundão”, em cuja vastidão se destacam cidades maravilhosas; por outro, Cabo Verde é caracterizado como um conjunto de “dez ilhas perdidas no Atlântico”, um país pequeno e “sem nenhuma importância no mapa”.

### Questão 2

Nesta questão, espera-se que os alunos discutam a relação de proximidade e a admiração que os cabo-verdianos têm pelo Brasil. Dentre os aspectos comuns aos dois países, destaca-se: positivamente, o modo amistoso e acolhedor de ser dos dois países; negativamente, o formação do povo como tendo se originado principalmente por escravos, e ainda as questões relativas à seca/estiagem (“Você, Brasil, é parecido com a minha terra,/ as secas do Ceará são as nossas estiagens,/ com a mesma intensidade de dramas e renúncias.”).

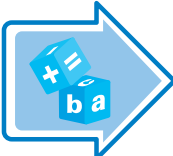
### Questão 3

O escritor cabo-verdiano ressalta o modo de fala dos brasileiros que tende a substituir o som final da palavras (permutação de vogais) e a anteposição do pronome antes do verbo com flexão melódica de entonação vocabular.

## Seção 1 – A África fala português

Páginas no material do aluno

**149 a 154**

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Um poema sobre poesia	Cópias da atividade.	Análise do poema “Intimidar o poema a ser raiz”, de poeta Ondjaki, a fim de explorar aspectos da rede de influências que compõe a literatura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

## Aspectos operacionais

Proponha questões de análise como as que sugerimos e corrija-as, junto aos alunos.



## Aspectos pedagógicos

A fim de aprofundar a apresentação do autor, pode ser interessante traçar uma síntese de sua biografia (cf. <http://www.infoescola.com/biografias/ondjaki/>). De forma semelhante, convém explicitar alguns traços de Angola, localizando o país geográfica e culturalmente (cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Angola>). A partir disso, apresente as questões de análise.

### Atividade

O poema abaixo foi escrito por Ndalu de Almeida, popularmente conhecido como Ondjaki. O poeta africano nasceu na cidade de Luanda, metrópole e capital angolana, em 1977.

Este poema é uma obra metalinguística, uma vez que aborda o próprio fazer poético. Veremos que, num diálogo com outras obras e autores, exalta-se a literatura em Língua Portuguesa.

Leia-o com atenção e responda às questões que se seguem.

#### **Intimidar o poema a ser raiz** (Ondjaki)

era um poema lateral aos sentidos.

ganhava formato ébrio

ao nem ser escrito.

(...)

imitava uma pedra

[aí as palavras drummondeavam].

longe das lógicas

– com tendência vagabunda –

o poema driblava lados avessos

(...)

[aqui as sílabas manoelizam, barrentas].

mas uma estrela nunca brilha

tão solitária;

encarece-se também de luuandinar,

miar à coute,

esvair-se para guimarães...

era um poema carente de afectar-se

a ramos gracilianos.

(...)

(ONDJAKI. Materiais para Confecção de um Espanador de tristezas. Portugal: Editorial Caminho, 2009, p. 34)

### Questão 1

Ondjaki dialoga, nesse poema, com alguns dos nossos melhores poetas e prosadores. Você conhece alguns desses nomes? Como ele faz isso?

### Questão 2

Um dos traços mais visíveis da africanidade no Brasil e em outros países da Diáspora – que é a dispersão de povos africanos pelo mundo, trazidos pelo Atlântico, o Índico e o Mar Vermelho – consiste no léxico. No Brasil, houve a predominância das línguas do grupo Banto (o quicongo, o quimbundo e o umbundo, todas línguas angolanas). Você conseguiu perceber alguns traços dessas contribuições e influências das línguas africanas no português do Brasil?

---

## Respostas comentadas

### Questão 1

Neste poema, o escritor angolano traz para a cena literária os seus afetos e inspirações, principalmente autores brasileiros – Drummond, Manoel Bandeira, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos – além dos autores africanos Mia Couto e José Luandino Vieira (pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça, autor da premiada obra *Luuanda*).

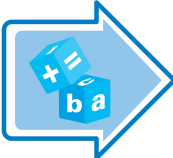
### Questão 2

Espera-se que os alunos releiam os fragmentos estudados e façam o levantamento de palavras e/ou expressões presentes de nosso vocabulário muito usadas no dia a dia herdadas do continente africano, procedentes de diferentes grupos linguísticos, como os iorubás e, especialmente, os povos bantos.

## Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Sinais de vida da África	Cópia da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba</i> , do escritor moçambicano Mia Couto, a fim de reconhecer elementos da cultura africana.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	100 minutos.

### Aspectos operacionais

Apresente os textos e, em seguida, proponha questões como as que sugerimos, corrigindo-as junto aos alunos.

### Aspectos pedagógicos

Inicie uma roda de conversas com o grupo chamando a atenção para a complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra no Brasil. Pergunte se conhecem algo sobre esse assunto, se já leram algum texto que tratasse dos povos africanos. Lembre aos alunos que as histórias e personagens da mitologia africana estão presentes na cultura do mundo todo e, já aquecidos com o debate, comente que houve um estreitamento de laços entre os escritores africanos de língua portuguesa e os escritores brasileiros do séc. XIX até os dias atuais, com particular ênfase no período modernista. Depois, passe à leitura do texto proposto para análise.

### Atividade

A cultura brasileira é muito influenciada pela África: músicas, danças, esculturas, pinturas, língua, culinária e técnicas de produção definem a nossa identidade e norteiam a afetividade nas nossas relações sociais.

“

O que se define por um *proprium* africano (vida, força, coletividade e ancestralidade) deve ser procurado no meio ambiente cultural, levando-se em conta três variáveis: físicas, socioeconômicas e históricas. Essa percepção compreende:

as manifestações de atitude que certos povos africanos têm em relação ao universo e à sociedade. Ex. Nos jogos, não há a oposição do perder e ganhar, pois concretizam uma atitude perante o universo, a vida e a sociedade, sendo uma questão comportamental que resgata valores éticos;

os provérbios – que constituem longas e amadurecidas reflexões sobre o mundo, sendo resultado de experiências anônimas confirmadas;

as artes – como manifestação da humanização;

as práticas religiosas – que conservam e traduzem a relação com o mundo do homem africano, exprimindo os valores e contra valores da sociedade;

as Escolas de iniciação – que representam a informação e formação do indivíduo;

o corpo – que remete à unidade corpo/espírito, ao individual/coletivo.

(Adaptado de: AGUESSY, Honorat. “Visões e percepções tradicionais”. In: SOW, Alpha et al. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1980, pp. 95–135)

”

A fim de observarmos alguns desses traços culturais da África, analisaremos o texto abaixo, um trecho do romance *Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba*, do escritor moçambicano Mia Couto. No fragmento, apresenta-se um diálogo entre Bartolomeu Sozinho (ex-mecânico naval da Companhia de Navegação Colonial e nativo de Vila Cacimba, uma vila imaginária em Moçambique) e Dr. Sidónio Rosa (médico local, de nacionalidade portuguesa).

– Noutro dia, você zangou-se comigo porque eu não o chamava pelo seu nome inteiro. Mas eu conheço o seu segredo.

– Não tenho segredos. Quem tem segredos são as mulheres.

– O seu nome é Tsotsi. Bartolomeu Tsotsi.

– Quem lhe contou isso? De certeza que foi o cabrão do Administrador.

Acabrunhado, Bartolomeu aceitou. Primeiro, foram os outros que lhe mudaram o nome, no baptismo. Depois, quando pôde voltar a ser ele mesmo, já tinha aprendido a ter vergonha de seu nome original. Ele se colonizara a si mesmo. E Tsotsi dera origem a Sozinho [Bartolomeu Sozinho].

– Eu sonhava ser mecânico, para consertar o mundo. Mas aqui para nós que ninguém nos ouve: um mecânico pode chamar-se Tsotsi?

– Ini nkabe dziua.

– Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?

– Deles? Afinal, já não é a sua língua?

– Não sei, eu já nem sei...

O português confessa sentir inveja de não ter duas línguas. E poder usar uma delas para perder o passado. E outra para ludibriar o presente.

– A propósito de língua, sabe uma coisa, Doutor Sidinho? Eu já me estou a desmulatar.

E exhibe a língua, olhos cerrados, boca escancarada. O médico franze o sobrolho, confrangido: a mucosa está coberta de fungos, formando uma placa esbranquiçada.

– Quais fungos? – reage Bartolomeu. – Eu estou é a ficar branco de língua, deve ser porque só falo português...

O riso degenera em tosse e o português se afasta, cauteloso, daquele foco contaminoso. [...]

O médico olha para o parapeito e estremece de ver tão frágil, tão transitório aquele que é seu único amigo em Vila Cacimba. O aro da janela surge como uma moldura da derradeira fotografia desse teimoso mecânico reformado.

– Posso fazer-lhe uma pergunta íntima?

– Depende – responde o português.

– O senhor já alguma vez desmaiou, Doutor?

– Sim.

– Eu gostava muito de desmaiar. Não queria morrer sem desmaiar.

O desmaio é uma morte preguiçosa, um falecimento de duração temporária. O português, que era um guarda-fronteira da Vida, que facilitasse uma escapadela dessas, uma breve perda de sentidos.

– Me receite um remédio para eu desmaiar.

O português ri-se. Também a ele lhe apetecia uma intermitente ilucidez, uma pausa na obrigação de existir.

– Uma marretada na cabeça é a única coisa que me ocorre.

Riem-se. Rir junto é melhor que falar a mesma língua. Ou talvez o riso seja uma língua anterior que fomos perdendo à medida que o mundo foi deixando de ser nosso.

(COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 110–113) Fragmento.

### Questão 1

Identidade nacional representa um conjunto de sentimentos que fazem com que um indivíduo se sinta parte de uma sociedade ou nação. A língua é um importante elemento na constituição da identidade de um povo. Ela permite reconhecer membros da comunidade, diferenciar estrangeiros e transmitir tradições. No texto, podemos perceber uma certa crise de identidade por parte do personagem africano Bartolomeu, obrigado a conviver com duas línguas. Com base nessas informações, responda:

De que países eram essas duas línguas?

Selecione um fragmento do texto que confirme a crise de identidade de Bartolomeu devido à adoção/convivência com as duas línguas.

### Questão 2

A cosmovisão de um povo relaciona-se à forma como esse povo concebe o mundo e age para transformá-lo. Muitos aspectos da cosmovisão africana estão presentes no texto de Mia Couto e compõem a cultura afro-brasileira. Qual aspecto da cosmovisão africana tem maior destaque no trecho: “Riem-se. Rir junto é melhor que falar a mesma língua.”

- a. Ancestralidade.
- b. Musicalidade.
- c. Religiosidade.
- d. Coletividade/Socialização.
- e. Oralidade.

### Questão 3

O movimento da negritude, nas primeiras décadas do século XX, tinha por objetivo o resgate e a valorização das raízes culturais negras no que dizia respeito à emancipação dos povos africanos que ainda viviam sob a dominação colonial. Muitos textos em poesia e prosa firmarão projetos nacionalistas que tinham por objetivo valorizar a identidade pessoal, apoiados no conceito de africanidade e negritude que consiste no reconhecimento do homem negro-africano como sujeito livre e portador de uma cultura própria.

Essa atitude está presente no comportamento de Bartolomeu Sozinho? Comente. Retire uma passagem do texto que apoie as suas considerações.

#### Questão 4

Dois conceitos ocupam lugar estratégico nos estudos de cultura negra: negritude e africanidade que estão interrelacionados. Vejamos esses conceitos por meio do quadro abaixo:

Negritude	Africanidade
Tem sua origem nas primeiras décadas do século XIX, no contexto de uma espécie de renascimento negro. Representa uma busca pela revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares.	Engloba a cultura, a arte, a língua, as tradições, as instituições, as crenças e as visões de mundo do povo africano.

O diálogo entre Bartolomeu Sozinho e Dr. Sidónio Rosa revela, entre outras questões, que o negro e nativo identifica no branco europeu qualidades e superioridades que inveja e deseja para si. Por que isso acontece?

Destaque alguns elementos do texto associados ao conceito de africanidade.

#### Questão 5

Compare o romance ao poema do escritor afro-brasileiro Cuti, reproduzido logo a seguir, e responda: que papéis o sujeito poético assume em algumas circunstâncias de sua vida que difere do sujeito narrativo (Bartolomeu Sozinho), presente no texto de Mia Couto?

##### Quebranto

às vezes sou o policial que me suspeito  
me peço documentos  
e mesmo de posse deles  
me  
prendo  
às vezes sou o zelador  
não me deixando entrar em mim mesmo  
a não ser  
pela porta de serviço  
às vezes sou o meu próprio delito

o corpo de jurados  
a punição que vem com o veredito  
(...)  
às vezes faço questão de não me ver  
e entupido com a visão deles  
me sinto a miséria concebida como um eterno  
começo  
(...)  
Às vezes!...

(Cuti. In: *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 58)

#### Questão 6

Nos dois fragmentos abaixo, que questões relativas à representação literária da identidade e da condição dos negros no Brasil são apontadas já a partir dos títulos?

##### **Fragmento 1:**

##### **A carne**

(Compositores: Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio

E para debaixo do plástico

Que vai de graça pro subemprego

E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história

Segurando esse país no braço

(...)

Mas mesmo assim

Ainda guardo o direito



De algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito  
Brigar por justiça e por respeito  
De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(<http://letras.mus.br/elza-soares/281242/>)

**Fragmento 2:**

“às vezes faço questão de não me ver  
e entupido com a visão deles  
me sinto a miséria concebida como um eterno  
começo”  
(Cuti, In: “Quebranto”)

---

## Respostas comentadas

### Questão 1

Através da conversa das personagens, vemos tratar-se da língua portuguesa e de uma das línguas africanas (no caso, a moçambicana *chesena*, falada no centro do país).

- *Ini nkabe dziua.*
- Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?
- Deles? Afinal, já não é a sua língua?
- Não sei, eu já nem sei...

### Questão 2

**Resposta: Letra D.** A cooperação e o comunitarismo refletem modos africanos e afro-brasileiros de ver/viver o mundo, uma vez que não existe cultura negra/afro-brasileira na solidão, mas em coletivo, porque traduz a manifestação da cultura identitária de um povo. O fato de estarem juntos, rindo, se sobrepõe ao fato de falarem a mesma língua. É preciso ressaltar que a roda, a circularidade estão no seio dessa existência, por exemplo, geralmente, não se come feijoada sozinho e nem se realiza uma roda de samba sem parceiros.

### Questão 3

Não. A personagem Bartolomeu Tsotsi demonstra ter vergonha de seu nome de batismo que confirma a sua pertença à identidade africana, uma vez que está escrito em língua chesena. Essa negação acaba por negar a sua identidade pessoal e a esconder as suas raízes africanas, fundamentais à constituição do projeto nacionalista em oposição ao colonialismo de que as sociedades africanas foram vítimas. Trechos que confirmam isso: “Ele se colonizara a si mesmo” e “Eu já estou a desmulatar”

### Questão 4

Bartolomeu Sozinho foi obrigado a mudar de nome de batismo devido à imposição do sistema colonial português que instituiu a língua portuguesa como língua oficial. O novo nome não é mencionado, apenas o que ele próprio escolheu, “Sozinho”, o que denota o profundo sentimento de perda/solidão na configuração da nova realidade sociocultural e histórica da sociedade moçambicana da qual faz parte.

A permanência da língua chesena como marca da identidade cultural moçambicana;

a ideia de que o passado e o presente não são tempos distintos e hierárquicos, mas cíclicos e circulares, porque remetem à ancestralidade; a aceitabilidade da vida e a morte como estágios da existência em abertura com os antepassados; o princípio da experiência.

### Questão 5

No poema, o sujeito poético assume o papel de policial, representando a opressão/repressão; o papel de zelador, que se autodiscrimina, porque se sente inferior, tornando-se (tornado) invisível aos olhos da sociedade. No entanto, pode-se depreender que tais papéis não são permanentes, pois a passagem final, em reticências, sugere uma atitude oposta que é a autovalorização. A diferença do sujeito narrativo apresentado por Mia Couto é que Bartolomeu Sozinho parece estar cansado para rebelar-se, embora ciente do regime de opressão a que foi/é submetido, daí o pedido de remédio para desmaiar.

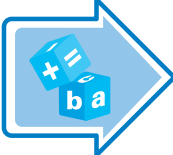
### Questão 6

Os textos refletem a visão negativa que se tem do homem negro/da mulher negra na sociedade brasileira, veiculadas por jornais, programas de televisão, anúncios, novelas, enfim, os meios de comunicação que reproduzem uma visão estereotipada e discriminatória de racismo e exclusão. Ambos os títulos chamam a atenção para o efeito devastador dessa tomada de posição em que o corpo negro foi subjugado e lhe foi tirada a sua humanidade, através de práticas efetivas de discriminação e/ou no olhar de pena e/ou desvalorização que o significado de “quebranto”, mau-olhado, deixa entrever.

## Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Um conto africano	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do conto "Vôvô Bartolomeu", de Antonio Jacinto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	50 minutos.

### Aspectos operacionais

Proponha questões de análise como as que sugerimos e corrija-as, junto aos alunos.

### Aspectos pedagógicos

A fim de aprofundar a apresentação do autor, pode ser

### Atividade

O texto a seguir é um trecho do conto *Vôvô Bartolomeu*, escrito pelo angolano Antonio Jacinto, que participou ativamente da luta de libertação nacional pelo seu país.

Leia com atenção e responda às questões que se seguem.

### **Vôvô Bartolomeu**

Vôvô Bartolomeu desde manhãzinha que olhava o pardacento céu, enrugando a já bem engelhada testa.

\_ Vôvô , que é que você está a ver no céu?

\_ Estou vendo uma coisa que você vai ver só, logo no meio-dia, e que a estas horas já chegou lá no sô Luca.

\_ Que é que tem lá no sô Luca?

- Diga nos homens para trabalhar com pressas, senão você vai ver só: ninguém que pára com chuva

E vôvô Bartolomeu entrou arrastadamente na cubata, donde saía um fumo bem de fogueira quente. Ainda o ouvi cantar

*Mano Santo iá Kifumbe*

*Eh! Eh! Eh! Eh!*

\_ Eh! pessoal! Vamos despachar o serviço. Vôvô Bartolomeu disse que vai vir chuva.

E todo o pessoal começou a trabalhar com força, para acabar de recolher o milho, quase para o meio-dia.

A colheita não tinha sido má, e para este ano havia de pagar todas as contas e ainda sobrava dinheiro para dar o alembamento da filha do velho Gongga.

(...) Aquele milho bonito que devia dar pra pagar as contas do alembamento. Ainda devia chegar pro imposto e escapar de ir no contrato. Se o imposto subiu? Não sei, mas parece que este ano o imposto está mais caro! Depois tinha de comprar fiado um sobretudo na loja do sô Maganlanji.

(...) Ficou tudo escuro. O pessoal estava satisfeito, mesmo nunca na minha vida ficara tão contente. Se vendia milho ia amigar com a filha do velho Gongga.

(...) Nisto, do céu caiu um raio e caiu mesmo em cima da cubata que tinha o milho e tudo começou a queimar. Eu, o pessoal, as mulheres, a garotada, e o vôvô Bartolomeu viemos para fora, sem medo da chuva que chovia, para apagar o fogo. Qual nada! O milho queimou mesmo.

(...) Estava a olhar as cinzas e nos olhos veio água, muita água de chorar, que não era chuva, não.

Vôvô Bartolomeu ficou muito grande, rijo, muito grande, pôs-me a mão no ombro e disse:

\_ Sorte de preto!

Olhei o meu arimbo. Meus pés descalços pisaram bem aquele chão, aquela terra que cheirava a chuva e era toda minha. No meu nariz entrou a força toda que vinha da terra grande. A chuva corria como o rio lá ao fundo naquela baixa. E os paus de café estavam lavados, estavam verdes, estavam bonitos, bonitos e novos como a ilha do velho Gongga.

Não, eu não ia ficar assim parado a pensar na sorte de preto que vôvô falou. Não. Aquela terra tinha força. Eu também.

Amanhã eu ia mesmo, com a minha força toda, limpar a lavra do café.

(In: SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985, pp. 55-7)

### Questão 1

De que maneira o respeito aos mais velhos, típico da tradição africana, está presente nesse conto?

### Questão 2

A herança africana está por toda parte. Um dos legados dessa milenar cultura para a brasileira é o fato de que o ato de aprender envolve o coletivo em sua totalidade. Não se aprende só com a cabeça, denominada **ori**, mas com o coração, com os olhos, com os ouvidos, com os braços, com as pernas, enfim, com todo o corpo. Você acha que essa filosofia (modo de ser/viver/conhecer/saber) está presente no conto Vovô Bartolomeu? Comente.

### Questão 3

Embora seguindo a tradição de que os anciãos são os detentores da sabedoria e dos valores da tradição, Antonio Jacinto também delega à juventude um outro papel. É possível ver isso no trecho do conto lido?

### Questão 4

Pensando na realidade de nosso país, quais relações de trabalho aparecem no nesse trecho? Sabendo que esse conto foi escrito em 1979, você acha que houve alguma mudança nas relações sociais de trabalho?

### Questão 5

A partir da leitura do fragmento abaixo, retirado do poema da escritora contemporânea Vera Duarte, de Cabo Verde, que relação intertextual podemos estabelecer com o trecho do conto Vovô Bartolomeu?

**Ai se um dia...**

Ai se um dia...

Ai se em outubro chovesse

a terra molhasse

o milho crescesse

e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse

a fome acabasse

o homem sorrisse

e a terra molhasse

(...)

Acordaremos, camaradas,

As chuvas de outubro não existem!

O que existe

É suor cansado

Dos homens que querem

O que existe

É a busca constante

Do pão que abundante virá

(Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/redes/caboverde/cultura/poesias\\_vera/um\\_dia.htm](http://www.dhnet.org.br/redes/caboverde/cultura/poesias_vera/um_dia.htm))

---

## Respostas comentadas

### Questão 1

Sim. A experiência em ler o mundo/a natureza e com ela interagir está presente na figura de Vovô Bartolomeu, que dá título ao conto – o que confirma a importância do mais velho como guardião da sociedade.

### Questão 2

Sim. Percebe-se o sentimento de solidariedade e comunhão no trabalho de plantação e colheita do milho. Além disso, a sabedoria do Vovô Bartolomeu, que vê a chuva no céu bem cedinho e a confirma, “enrugando a já bem

engelhada testa”, confirma esse aprendizado integral. Há, ainda, o respeito do neto, que segue imediatamente para avisar aos trabalhadores das palavras do ancião.

### Questão 3

Sim. O respeito aos mais velhos, típico da sociedade africana, não impede que o neto, muito triste e choroso, vislumbre novas perspectivas de futuro. Ele interpreta a fala do Vovô Bartolomeu “Sorte de preto” não como uma benção por terem escapado do fogo (reconhecendo-se aí a resistência diante da força bruta da natureza), mas o chamado para a volta por cima que supere a interpretação fatalista – o que está expresso nas palavras finais do menino: “Amanhã eu ia mesmo, com a minha força toda, limpar a lavra do café”.

### Questão 4

Espera-se que os alunos reflitam sobre a péssimas condições de trabalho a que é submetida uma boa parte da nação brasileira, discutindo as relações desiguais de trabalho e a exploração dos menos favorecidos, especialmente os trabalhadores rurais, que têm, na exportação de seus produtos, um entrave socioeconômico devido aos altos impostos e taxas alfandegárias.

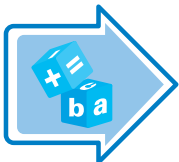
### Questão 5

A chuva é esse ponto intertextual, pois o eu-poético clama pelo derrame das águas que fará a colheita prosperar e crescer; no conto, ao contrário, a chuva aparece, apenas, como um dado da natureza que não é relativo à geografia do lugar como no caso de Cabo Verde.

## Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

**154 a 167**

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Captando traços da cultura indígena	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre uma descrição acerca dos hábitos indígenas e trechos do poema “A história vem de um tempo longo, médio, recente”, de Adalberto Maru Kaxinawá e Joaquim Mana Kaxinawá, a fim de reconhecer contribuições da cultura indígena na formação da cultura nacional.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

---

## Aspectos operacionais

Aplique as questões de análise e corrija-as.

---

## Aspectos pedagógicos

Para aprofundar os objetivos da atividade, pode-se desenvolver, inicialmente, um diálogo didático. Por meio dessa estratégia, os alunos poderão ser estimulados a resgatar traços indígenas que fundamentaram a cultura de nosso país. Essas contribuições podem ser sistematizadas no quadro. Dessa maneira, os alunos poderão, mais facilmente, responder às questões de análise comparativa.

---

### Atividade

A cultura indígena é uma das principais bases da formação de nosso país. Para, então, resgatarmos essa contribuição de nossos antepassados, compare os dois textos abaixo, respondendo às questões propostas.

Depois do jantar, noite cerrada, no pátio que uma fogueira ilumina e aquece, reúnem-se os velhos indígenas, os estrangeiros, para fumar e conversar até que o sono venha. Evocações de caçadas felizes, de pescarias abundantes, aparelhos esquecidos para prender animais de vulto. Figuras de chefes mortos, lembranças de costumes passados, casos que fazem rir, mistérios da mata, assombros, explicações que ainda escurecem o sugestivo apelo da imaginação, todos os assuntos vão passando, examinados e lentos, no ambiente tranqüilo.(...)Todas as coisas (...) têm uma História religiosa, hierárquica, e uma literatura folclórica adjacente.

(CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1984, pp. 78 e 87).



A história vem de um tempo longo, médio, recente

Adalberto Maru Kaxinawá

Joaquim Mana Kaxinawá

A história vem de um tempo longo,

médio,

recente.



De ontem, hoje, amanhã.

História é um caminho muito longo.

Enquanto o tempo vai passando, mais histórias vamos construindo.

História é passado, história é presente.

A história não é só do ser humano. Também é dos encantados, dos animais,  
da floresta, dos rios e dos legumes.

História está em todo lugar do mundo.

passado, história é presente.

(FREIRE, José Ribamar Bessa; MACIEL, Ira; MONTE, Nietta; SANTOS, Núbia Melhem Orgs. Te mandei um passarinho... prosas e versos de índios no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Coleção Literatura para todos).

”

### Questão 1

Câmara Cascudo relata o modo de vida dos povos indígenas. No poema dos escritores indígenas Adalberto Maru Kaxinawá e Joaquim Mana Kaxinawá também podemos ver alguns desses hábitos. Pontue algumas dessas características culturais.

### Questão 2

Que alimentos característicos dos povos indígenas são apresentados nessa descrição de Câmara Cascudo? Que outros alimentos característicos dos indígenas você conhece? E quais permanecem na culinária brasileira?

### Questão 3

A cultura indígena e a sua influência na formação da sociedade nacional aparece bastante nas histórias escritas pelo líder indígena Daniel Mundurucu, em que se discute o modo de ver o mundo e de explicar a relação do ser humano com seu ambiente. Extrapolando, agora, os textos lidos, podemos lembrar que existem várias lendas adaptadas da cosmologia indígena presentes no imaginário nacional: Caipora, Boitatá, Iara, Cobra Grande, Vitória Régia, Saci Pererê etc. Que importância podemos reconhecer nessas lendas?

---

## Respostas comentadas

### Questão 1

Espera-se que os alunos discutam o modo como analisamos a cultura indígena, identificando traços culturais dessas nações presentes em nossos costumes regionais. Devem reconhecer a diferença como traço constitutivo de cada sociedade sem hierarquização de superioridade versus inferioridade.

### Questão 2

Dentre os hábitos alimentares, destaca-se o consumo de carnes vermelhas e de peixes adquiridos pela caça e pela pesca, além de hortaliças e legumes que são cultivados na agricultura familiar. Com seus ingredientes e técnicas, a culinária indígena é uma das bases da culinária brasileira, sendo a mandioca, em forma de farinha e de bijus, muito usada no preparo de vários outros alimentos. Há, também, uma variedade de frutas trazidas para a cultura brasileira pelos indígenas, além do milho e dos pirões.

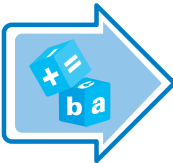
### Questão 3

Espera-se que os alunos reconheçam que as lendas indígenas fazem parte do folclore brasileiro, registrando crenças, costumes e tradições populares muito presentes no interior do Brasil, algumas criadas a partir de fatos verídicos e que tiveram como personagens heróis antepassados que se sobressaíram pelo poder, beleza, bondade etc. De tradição oral, as lendas são histórias fantásticas repletas de mistérios sobrenaturais e, nas aldeias, eram muito utilizadas para ensinar indígenas jovens e ariscos; possuem, pois, um caráter doutrinador/disciplinador.

## Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

**154 a 167**

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Ouvindo um pajé	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do romance <i>O sinal do pajé</i> , de Daniel Mundukuru, a fim de identificar aspectos da cosmovisão indígena.	Atividade individual.	50 minutos.

## Aspectos operacionais

Leia o texto junto aos alunos; aplique as questões; corrija-as.

## Aspectos pedagógicos

Como estratégia de contextualização, pode-se comparar os aspectos das culturas africana e indígena, já observados nas atividades anteriores, a fim de identificar pontos comuns e, assim, sistematizar elementos da cosmovisão africana e indígena.

## Atividade

O texto que segue é um trecho do romance indígena *O sinal do pajé*, de Daniel Mundukuru. O romance retrata o rito de passagem de um curumim à vida adulta e mostra as mesmas angústias, conflitos e questionamentos comuns a todos os jovens.

### O sinal do pajé

Na nossa época, Curumim – falou o velho pajé como se tivesse lido seu pensamento –, não tínhamos muito tempo para brincar, não. Vivíamos constantes tensões. Era um tempo de guerra contra outras gentes do lado oposto do rio. Era também uma época em que os homens brancos estavam chegando em nossas aldeias. Éramos jovens e torcíamos para que nossos líderes permitissem que interceptássemos os barcos que traziam os homens de roupa comprida. Mas tínhamos medo, muito medo. (...)

– Vocês tinham medo do quê? – quis saber o menino.

– Naquela ocasião, não sabíamos direito do que tínhamos medo, mas o fato é que aquelas pessoas que estavam vindo para cá encontrar-se conosco eram muito estranhas, muito feias, muito selvagens. Seus olhos eram diferentes, seus rostos sujos de pelos nos causavam medo. Seus rostos não nos permitiam ver sua pele; não sobrava nada onde se pudesse fazer uma pintura de boas-vindas. Então, não ficávamos seguros sobre o que eles realmente queriam.

– E eles não podiam ser amigos? E se só quisessem o bem de nossa gente? – questionou o garoto.

– Isso tudo, Curumim – retomou a palavra a avó –, nossos líderes também se perguntavam. Quando começamos a ouvir o sonho de nossos avós sobre a chegada dos homens peludos, era tudo engraçado. Alguns dos nossos avós chegaram a dizer que eles sabiam voar dentro de pássaros gigantes e que nossas flechas nunca poderiam impedi-los de voar, por serem grandes e fortes. Outros pajés diziam ter visto em seus sonhos que aqueles estrangeiros eram muito perigosos porque tinham medo da floresta, dos animais, dos peixes, dos rios.

– E por que isso os tornava perigosos? – perguntou o velho pajé com a intenção de provocar a curiosidade no Curumim. – Porque com medo, as pessoas fazem coisas sem pensar direito. E se temos medo de algo, nosso primeiro pensamento é destruir o que nos assusta. Eles iriam destruir nossa terra, disso tínhamos certeza.

A conversa parou por ali. O curumim sabia que seus avós tinham um tempo certo de falar e calar, e este tempo tinha chegado ao final. Ele sabia que não adiantava mais fazer perguntas, pois eles não responderiam a mais nada naquele momento. (...)

(MUNDUKURU, Daniel. *O sinal do pajé*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003, pp. 13–15)

### Questão 1

Quais marcas linguísticas foram utilizadas pelo pajé para se referir à própria sociedade, a outros grupos indígenas e aos europeus?

### Questão 2

O que essas marcas podem revelar sobre a cosmovisão indígena?

---

## Respostas comentadas

### Questão 1

As marcas linguísticas utilizadas pelo pajé para se referir à própria sociedade são expressas pelas palavras na 1ª pessoa do plural, que revelam a relação de pertencimento a um grupo. São elas os pronomes possessivos “nossa”, “nossas”, “nossos” e os verbos “tínhamos”, “vivíamos”, “éramos”, “torcíamos”, “interceptássemos”, “tínhamos”; Em relação a outros grupos indígenas, são utilizadas as expressões “outras gentes do lado oposto do rio” / “do lado posto”, que marcam a ideia de diferença e pertencimento, mesmo dentro das sociedades indígenas. Com respeito aos europeus, o pajé utiliza as expressões “homens brancos” e “homens de roupa comprida”, características que opõem indígenas e europeus quanto ao fenótipo e marcas culturais, por exemplo, a relação que se tem com o corpo.

### Questão 2

As marcas linguísticas apontadas revelam a visão de sua própria sociedade como um coletivo que age em função de um bem comum, como podemos perceber na escolha da 1ª pessoa do plural nos pronomes e nos verbos.

## Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Por uma herança mais rica	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre o poema indígena “Eu não tenho minha aldeia”, de Eliane Potiguara, o um trecho da comunicação “Eu o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”, de Manuel Rui, a fim de reconhecer traços históricos e culturais comuns aos povos indígena e africano.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

### Aspectos operacionais

Leia os textos junto aos alunos, discuta-os, aplique a questão de análise e corrija-a.

### Aspectos pedagógicos

A fim de apresentar os dois escritores e, assim, seus textos, pode ser interessante destacar a biografia e outras obras da escritora indígena Eliane Potiguara (cf. <http://elianepotiguara.blogspot.com.br/>) assim como do escritor angolano Manuel Rui (cf. [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/angola/manuel\\_rui.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/manuel_rui.html)).

### Atividade

Nesta atividade buscaremos identificar pontos comuns entre as culturas indígena e africana. Para isso, iremos comparar dois textos. O primeiro é um poema da poeta Elaine Potiguara. O segundo é um trecho de uma comunicação proferida pelo escritor angolano Manuel Rui, no Encontro Perfil da Literatura Negra, em São Paulo, 23/05/1985.

Ambos os textos focalizam um fato histórico que marca os processos de colonização a que foram submetidos os povos indígenas e africanos. Responda, então: em que medida podemos perceber a permanência desses conflitos nos dias atuais, levando em conta as questões que envolvem as situações de racismo/preconceito e discriminação?

### **Texto 1**

#### **Eu não tenho minha aldeia**

Eu não tenho minha aldeia  
Mas tenho o fogo interno  
Da ancestralidade que queima  
Que não deixa mentir  
Que mostra o caminho  
Porque a força interior  
É mais forte que a fortaleza dos preconceitos.  
Ah! Já tenho minha aldeia  
Minha aldeia é Meu Coração Ardente  
É a casa de meus antepassados  
E do topo dela eu vejo o mundo  
Com o olhar mais solidário que nunca  
Onde eu possa jogar  
Milhares de luzes  
Que brotarão mentes  
Despossuídas de racismo e preconceito.

(FREIRE, José Ribamar Bessa; MACIEL, Ira; MONTE, Nietta; SANTOS, Núbia Melhem Orgs. Te mandei um passarinho... prosas e versos de índios no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Coleção Literatura para todos.)

## Texto 2

“Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala, mas porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões”.


(RUI, Manoel. “Eu o outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de ver o texto. In: MEDINA, Cremilda. *Sonha Mama África*. São Paulo, Epopeia. Secretaria de Estado de Cultura, 1987, pp. 308–310).

## Resposta comentada

Espera-se que os alunos percebam, nos fragmentos dados, a barbárie a que foram submetidos os indígenas e os africanos a partir da empresa colonialista, mercadológica e capitalista, fazendo tábula rasa de culturas milenares que moldaram o nosso jeito de ser e viver.

Espera-se, também, que a discussão seja o mote para o aprofundamento das questões que permeiam o racismo ainda muito presente na sociedade atual, persistindo no Brasil um imaginário étnico-racial que valoriza as raízes europeias em detrimento das raízes indígenas, africanas e asiática.

## Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A África no Enem	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem, que tratam das manifestações artísticas africanas e indígenas.	Atividade individual.	15 minutos.

---

## Aspectos operacionais

Aplique as questões de múltipla escolha e corrija-as.

---

## Aspectos pedagógicos

O professor poderá avaliar os alunos de forma bem objetiva e ágil, utilizando as questões propostas, conforme serão apresentadas.

---

### Atividade

Para testar seus conhecimentos sobre a cultura africana, responda às duas questões do Enem que se seguem.

#### Questão 1

##### Palavra indígena

A história da tribo Sapucaí, que traduziu para o idioma guarani os artefatos da era da computação que ganharam importância em sua vida, como *mouse* (que eles chamam de angojhá) e *windows* (oventã).

Quando a internet chegou àquela comunidade, que abriga em torno de 400 guaranis, há quatro anos, por meio de um projeto do Comitê para Democratização da Informática (CDI), em parceria com a ONG *Rede Povos da Floresta* e com antena cedida pela *Star One* (da Embratel), Potty e sua aldeia logo vislumbraram as possibilidades de comunicação que a *web* traz.

Ele conta que usam a rede, por enquanto, somente para preparação e envio de documentos, mas perceberam que ela pode ajudar na preservação da cultura indígena.

A apropriação da rede se deu de forma gradual, mas os guaranis já incorporaram a novidade tecnológica ao seu estilo de vida. A importância da internet e da computação para eles está expressa num caso de rara incorporação: a do vocabulário.

— Um dia, o cacique da aldeia Sapucaí me ligou. “A gente não está querendo chamar computador de “computador”. Sugerir a eles que criassem uma palavra em guarani. E criaram aiú irú rive, “caixa pra acumular a língua”. Nós, brancos, usamos *mouse*, *windows* e outros termos, que eles começaram a adaptar para o idioma deles, como angojhá (rato) e oventã (janela) — conta Rodrigo Baggio, diretor do CDI.

(Disponível em: <http://www.revistalingua.uol.com.br>. Acesso em: 22 jul. 2010.)



O uso das novas tecnologias de informação e comunicação fez surgir uma série de novos termos que foram acolhidos na sociedade brasileira em sua forma original, como: *mouse*, *windows*, *download*, *site*, *homepage*, entre outros. O texto trata da adaptação de termos da informática à língua indígena como uma reação da tribo Sapucaí, o que revela:

- a. a possibilidade que o índio Potty vislumbrou em relação à comunicação que a web pode trazer a seu povo e à facilidade no envio de documentos e na conversação em tempo real.
- b. o uso da internet para preparação e envio de documentos, bem como a contribuição para as atividades relacionadas aos trabalhos da cultura indígena.
- c. a preservação da identidade, demonstrada pela conservação do idioma, mesmo com a utilização de novas tecnologias características da cultura de outros grupos sociais.
- d. adesão ao projeto do Comitê para Democratização da Informática (CDI), que, em parceria com a ONG Rede Povos da Floresta, possibilitou o acesso à web, mesmo em ambiente inóspito.
- e. a apropriação da nova tecnologia de forma gradual, evidente quando os guaranis incorporaram a novidade tecnológica ao seu estilo de vida com a possibilidade de acesso à internet.

## Questão 2

A Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desenvolveu o projeto “Comunidades Negras de Santa Catarina”, que tem como objetivo preservar a memória do povo afrodescendente no sul do País. A ancestralidade negra é abordada em suas diversas dimensões: arqueológica, arquitetônica, paisagística e imaterial. Em regiões como a do Sertão de Valongo, na cidade de Porto Belo, a fixação dos primeiros habitantes ocorreu imediatamente após a abolição da escravidão no Brasil. O Iphan identificou nessa região um total de 19 referências culturais, como os conhecimentos tradicionais de ervas de chá, o plantio agroecológico de bananas e os cultos adventistas de adoração.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=14256&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acesso em: 1 jun. 2009. (com adaptações).

O texto acima permite analisar a relação entre cultura e memória, demonstrando que:

- a. as referências culturais da população afrodescendente estiveram ausentes no sul do País, cuja composição étnica se restringe aos brancos.
- b. a preservação dos saberes das comunidades afrodescendentes constitui importante elemento na construção da identidade e da diversidade cultural do País.
- c. a sobrevivência da cultura negra está baseada no isolamento das comunidades tradicionais, com proibição de alterações em seus costumes.

- d. os contatos com a sociedade nacional têm impedido a conservação da memória e dos costumes dos quilombolas em regiões como a do Sertão de Valongo.
- e. a permanência de referenciais culturais que expressam a ancestralidade negra compromete o desenvolvimento econômico da região

---

## Respostas comentadas

### Questão 1

**Resposta: Letra C.** Observando o texto, percebemos a ação da tribo indígena em alterar o nome dos componentes ligados a informática, contribui para a preservação da identidade cultural daquele grupo social.

### Questão 2

**Resposta: Letra B.** O resgate e a preservação de elementos históricos e culturais da cultura africana pode ampliar a compreensão da cultura nacional. Por conta disso, o projeto é de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

